TODXS

Guia Escolas

Como criar um ambiente escolar mais inclusivo para todas as pessoas

Equipe TODXS: Amanda de Moraes, Caluã Eloi, Daniel Kehl, Fausto Delphino Scote, Gabriel Romão, Leonardo Fernandes

Design: Ana Flávia Carvalho

Fotos: Unsplash

Ano: 2023



— Sumário –

Sobre a TODXS	03
Sobre o projeto	04
Introdução	05
Desmitificando a comunidade LGBTI+	07
Compreendendo a transfobia nas escolas	08
Como tornar a escola mais inclusiva?	12
Considerações finais	28

Sobre a **TODXS**

A TODXS é uma organização não governamental (ONG), criada em 2017, suprapartidária e sem fins lucrativos que promove a inclusão de pessoas LGBTI+ na sociedade com iniciativas de formação, pesquisa e conscientização. A TODXS é formada por um time de pessoas executivas e voluntárias trabalhando de forma remota, em todo o território nacional, na criação de projetos de alto impacto para a população LGBTI+ brasileira. Existimos para transformar o Brasil em um país verdadeiramente inclusivo e livre da discriminação para pessoas LGBTI+. Conheça mais sobre nossas iniciativas em www.todxs.org e @todxsbrasil.

Nesse material abordamos conteúdos sensíveis. Por isso, caso você esteja passando por um período difícil, o Centro de Valorização da Vida (CVV) pode te ajudar. A organização atua no apoio emocional e auxiliar a lidar com emoções intensas, atendendo voluntária e gratuitamente todas as pessoas que querem e precisam conversar, sob total sigilo, por telefone, e-mail, chat e Skype 24 horas todos os dias. peça ajuda! Você pode acessar esse serviço pelo telefone: 188 ou pelo site: www.cvv.org.br

Sobre o projeto

Como criar um ambiente escolar mais inclusivo para todas as pessoas

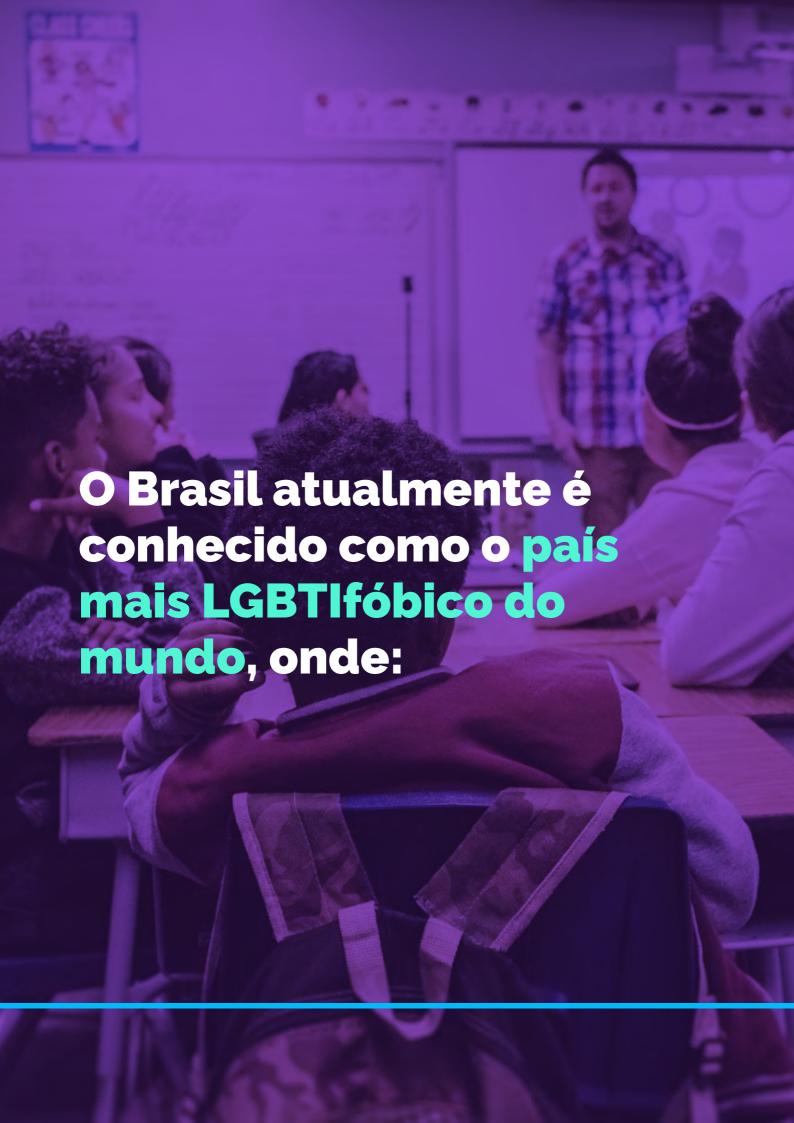
Este guia foi pensado de maneira colaborativa, trazendo estudantes, professores, equipe pedagógica e diretores de diferentes gêneros e orientações sexuais para participar da criação desse conteúdo. Nosso principal objetivo com isso é abarcar o maior número de olhares possíveis, fazendo deste guia uma ferramenta que dê conta de tamanha diversidade.

O Guia TODXS Escolas nasceu com uma missão: promover a inclusão, inserção e retenção de pessoas trans e travestis nas escolas brasileiras. Muitas vezes a intolerância e o preconceito contra os quais lutamos diariamente surgem de diversas formas em nossos ambientes rotineiros, como nossas escolas, e podem assumir a forma de LGBTIfobia - discriminação baseada na orientação sexual ou identidade de gênero. Estas são questões reais e preocupantes que têm um impacto prejudicial para toda a sociedade.

O Guia TODXS Escolas visa colaborar na criação de espaços escolares mais inclusivos, acolhedores e respeitosos para as pessoas trans, principalmente, pela situação emergencial que essa população enfrenta e, por isso, requer mais atenção e visibilidade.

Caso você tenha alguma dúvida entre em contato com a gente pelo instagram @todxsbrasil ou por email contato@todxs.org

É com muito prazer que apresentamos o Guia TODXS Escolas! Boa leitura!



7 a cada 10 estudantes LGBTI+ do país declaram já ter sofrido algum tipo de discriminação na escola.

80% das pessoas trans não chegam a concluir o Ensino Fundamental.

90% da população trans não têm escolha a não ser recorrer à prostituição como forma de sustento, por causa da baixa escolaridade e pela falta de outras oportunidades de trabalho.

A expectativa de vida de uma pessoa transgênero é de **35 anos**, porque o Brasil é o país líder em assassinato de pessoas trans em todo o mundo. A expectativa do restante da população brasileira é de **75 anos**.

Desmitificando a comunidade LGBTI+

Quando nos deparamos com a diferença também temos desafios, e isso instiga ambientes de busca pelo conhecimento, troca de visões e diversas oportunidades de encontrar soluções para problemas complexos. No caso da comunidade LGBTI+, engloba pessoas de gêneros e/ou sexualidades não-heterossexuais e/ou não-cisgêneras. Para entender isso melhor, vamos passar por alguns conceitos:

Gênero

Gênero se refere aos papéis, comportamentos, expressões, atividades e atributos socialmente construídos que uma cultura considera apropriados para homens, mulheres e pessoas não binárias. Gênero não se refere ao sexo biológico.



Compreendendo a transfobia nas escolas

O que é transfobia?

A transfobia é o preconceito, ódio e discriminação contra pessoas trans e travestis, podendo se manifestar de diversas formas, como agressão física, verbal, psicológica, moral, etc. Diferente da homofobia, que é o preconceito contra pessoas por causa de sua orientação romântica e sexual, a transfobia é o preconceito baseado na identidade de gênero das pessoas.

PARA SABER MAIS: QUAL É A DIFERENÇA ENTRE MULHER TRANS E TRAVESTI?

A identificação como mulher trans ou travesti depende exclusivamente da auto identificação e autodeclaração. Ou seja, não tem relação com cirurgias de redesignação ou terapias hormonais. Assim como uma mulher trans, a travesti é uma pessoa que foi designada pelo sexo masculino ao nascer, mas que se reconhece em uma identidade de gênero feminina. Os pronomes a serem utilizados com travestis ou mulheres trans são sempre femininos ("a travesti").

O que é bullying

O termo bullying define condutas agressivas, tanto físicas quanto verbais, psicológicas e morais, praticadas deliberadamente e conscientemente contra uma pessoa, com o objetivo de ofendê-la, machucá-la, humilhá-la ou discriminá-la. Existem diferentes formas de prática de bullying, veja na próxima página as principais formas.

Compreendendo a transfobia nas escolas

- Bullying verbal: é o ato de afrontar com ofensas, falar mal, caçoar, colocar apelidos depreciativos ou fazer piadas ofensivas;
- Bullying físico ou material: inclui o ato de espancar, chutar, empurrar, bater, golpear, roubar ou destruir objetos da vítima;
- **Bullying psicológico:** implica no ato de irritar, perturbar, abalar emocionalmente, depreciar, desrespeitar, excluir do grupo, isolar, desprezar, perseguir, provocar desavenças ou fofocas;
- **Bullying moral:** que inclui difamar, caluniar, desmoralizar, discriminar, ofender a honra, a dignidade e a moral;
- Bullying sexual: inclui estuprar, assediar ou fazer insinuação sexual;
- Cyberbullying: ações ou comportamentos negativos praticados por meio de redes virtuais e do uso de outras tecnologias da informação e da comunicação, incluindo a prática das outras formas de bullying pela internet.

O bullying vem, cada vez mais, sendo debatido no Brasil, mas ainda há uma grande dificuldade em tratar o tema na esfera jurídica. No âmbito jurídico, todas as formas de praticar o bullying apresentadas acima podem se caracterizar como crime. Podemos citar alguns casos, como:

LESÃO CORPORAL:

causar dano à integridade corporal ou à saúde de alquém.

DANO:

destruir, inutilizar ou deteriorar algo que pertence à outra pessoa.

CALÚNIA E DIFAMAÇÃO:

caluniar alguém, mentindo sobre algo que a pessoa de fato não fez, ou ofendendo sua reputação.

AMEAÇA:

ameaçar alguém, por palavra, escrito ou gesto, ou qualquer outro meio simbólico que cause mal injusto e grave.

Todas essas ações podem resultar em processo judicial, independente da intenção do autor.

O que é LGBTI+fobia?

LGBTfobia é o preconceito, ódio ou discriminação contra pessoas da comunidade LGBTI+, incluindo a transfobia, a homofobia, a bifobia, etc. Desde 2019, a LGBTfobia é criminalizada no Brasil, conforme deliberação do Supremo Tribunal Federal, que tipificou como crime de ódio, inafiançável e imprescritível, qualquer forma de ofensa, agressão ou discriminação contra uma pessoa por causa da sua identidade de gênero ou orientação romântica e sexual.

LGBTFOBIA E TRANSFOBIA NO AMBIENTE ESCOLAR: PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO

"Todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotadas de razão e consciência e devem agir em relação umas às outras com espírito de fraternidade" - Declaração dos Direitos Humanos, Art. I.

A Pesquisa Nacional por Amostragem da População LGBTI+ coletou informações de pessoas LGBTI+ das 27 capitais das Unidades da Federação. Com duração de aproximadamente três meses, o período de coleta e divulgação foi iniciado em 04 de abril e encerrado no dia 03 de julho de 2019 e obteve 15326 respostas de pessoas maiores de 18 anos. O método utilizou questionário online, anônimo, composto por 115 perguntas, e teve sua consistência e cálculos amostrais validados estatisticamente. Essa pesquisa trouxe algumas situações de preconceitos comumente vividas pela população trans nas escolas, conforme listagem abaixo:

- Preconceito velado, agressão verbal, física e sexual por parte de colegas, professores e pessoas funcionárias; 50,5% das pessoas respondentes relataram algum nível de discriminação no Ensino Fundamental por pessoas tutoras, coordenadoras e professoras. Para as pessoas pretas, o índice chega a 55%, e para as pessoas indígenas, 60%. Quando perguntadas se já sofreram discriminação por parte de colegas, o índice chega a 70% no Ensino Fundamental.
- No Ensino Médio, 46,5% das pessoas responderam que sofreram discriminação por parte de pessoas professoras, tutoras ou coordenadoras. Para as pessoas indígenas, o número sobe para 54%. Em relação aos colegas, 73,2% relatam que sofreram discriminação no Ensino Médio.
- Na vida universitária, 28,9% relatam terem sofrido discriminação por parte de pessoas professoras, tutoras ou coordenadoras, valor que chega a 36,5% para pessoas indígenas. Em relação a outros discentes, os relatos de preconceito e discriminação chegam a 42,8%.
- Quando comparamos pessoas cis e trans nessas vivências, percebemos abismos. 65% das pessoas trans relatam discriminação no Ensino Fundamental por parte de pessoas tutoras, coordenadoras e professoras, frente a 45% das pessoas cis. Ainda no Ensino Fundamental, 80% das pessoas trans relatam discriminação por parte de colegas, frente a 70% das pessoas cis. No Ensino Médio, 60% das pessoas trans relatam discriminação por parte de pessoas professoras, tutoras e coordenadoras, e 83% relatam por parte de colegas; para as pessoas cis os valores são 45% e 70%, respectivamente. Na vivência universitária, os números de discriminação por parte de profissionais e por parte de colegas chegam a 40% e 50%, para pessoas trans, e 28% e 40%, para pessoas cis, respectivamente.





Como tornar a escola mais inclusiva?

Propostas político-pedagógicas contra transfobia

Desde que nascemos, somos pessoas educadas a nos enquadrar em padrões heteronormativos, isto é, a termos nossos corpos, afetos e expressões condicionadas pela expectativa imposta socialmente, que é sermos sempre hétero e cis.

Justamente por isso, trazer questões sobre a diversidade de identidades de gênero e orientações sexuais para dentro das escolas é colocar-se em uma posição arriscada. Ações e políticas pedagógicas que visam dar liberdade aos estudantes de se desenvolverem como realmente são, mesmo que seja fora desses padrões, são necessárias e urgentes.

A transfobia nas escolas traz consequências graves ao desenvolvimento das pessoas trans, especialmente, durante a idade escolar, que é quando estão mais vulneráveis no seus próprios processos de autoaceitação e aceitação familiar. O bullying e outras formas de transfobia no ambiente escolar tem variados impactos negativos, tanto em aspectos cognitivos e sociais, dificultando a aprendizagem, a socialização e causando evasão escolar, como também psicologicamente, causando problemas como perda de autoestima e autoconfiança, sentimentos de culpa, vergonha e ansiedade, depressão, crise de pânico, fobia e em última instância a tentativa de suicídio.

De acordo com a Constituição Federal, educação é "direito de todo mundo" e o ensino no Brasil deve respeitar o princípio de "igualdade de condições para o acesso e permanência". Apesar disso, é evidente que estudantes vítimas de transfobia têm mais dificuldade para permanecer na escola e maior probabilidade de não concluir grande parte do ensino formal. Cerca de 80% da comunidade trans interrompe seus estudos antes de completar o Ensino Fundamental, a principal causa desse número assustador são as práticas de bullying e transfobia, que tornam a escola um espaço excludente, tóxico e violento para a comunidade trans.

Propostas político-pedagógicas contra transfobia

Essa alta taxa de evasão escolar que faz com que, atualmente, 90% das pessoas trans e travestis só encontrem a prostituição como forma de sustento, já que sua baixa formação acadêmica as impedem de conseguir oportunidades no mercado de trabalho formal. Isso mostra que a escola precisa assumir seu papel fundamental no combate ao bullying e na promoção da inclusão, ajudando estudantes na compreensão da cidadania e respeito às diferenças.

A estrutura escolar está permeada de conflitos, contradições e confrontos, os quais a escola pode perpetuar ou desconstruir. A ideia é colocar em movimento um processo de transformação pessoal, cultural e social nas escolas, que possa se expandir por toda sociedade.

A falta de informação e formação de profissionais da educação referente à sexualidade e diversidade de gênero dificulta a passagem de pessoas trans pela escola. Justamente por isso se fazem necessárias propostas político-pedagógicas para minimizar a transfobia no ambiente escolar.

Sugerimos algumas ações que estão ao alcance de professores, gestores, equipe pedagógica, colaboradores e estudantes para criar de fato ações inclusivas dentro das escolas e transformá-las em um ambiente mais inclusivo e acolhedor. Transformar a escola em um ambiente mais inclusivo é dever de todo mundo.



Gestão escolar:

Como você pode tornar o espaço escolar mais inclusivo?

1

INFORME-SE

Ter conhecimento sobre as leis e políticas públicas para a comunidade LGBTI+ e Trans, em especial, é fundamental, passar essas informações ao corpo docente é mais importante ainda. É necessário criar uma cultura para a diversidade nas escolas e o preconceito só se desfaz com conhecimento e educação.

2

RESPEITE O NOME SOCIAL

Desde 2011, a Portaria no. 1.612 do Ministério da Educação assegura "o direito à escolha de tratamento nominal nos atos e procedimentos promovidos no âmbito do Ministério da Educação". O nome social é o nome pelo qual muitas pessoas trans se identificam e devem ser identificadas, independente do nome nos seus documentos de registro. Use o nome social em certificados, formulários, chamadas, no tratamento cotidiano e em qualquer ocasião em que for necessário usar o nome de estudantes trans. Não se esqueça de tratar pessoas trans pelos pronomes que ela se identifica, sejam elas professores, estudantes, da equipe pedagógica, etc. Aprendemos muito pelo exemplo, por isso ao ter exemplos de práticas de respeito e inclusão entre membros do corpo docente, como ter professores trans com nome social respeitado por corpo discente e docente, que utilizam o banheiro conforme se identificam, etc. pode ajudar a criar um senso de pertencimento para estudantes trans, que podem estar sofrendo com a solidão do processo de aceitação e entendimento de sua identidade trans.

3

PARTICIPE E PROMOVA DISCUSSÕES

Se preconceito é falta de informação, e agressão é falta de respeito e entendimento, precisamos criar um espaço para o **DIÁLOGO**. Promover discussões no corpo escolar, com a participação de todas as pessoas (estudantes, professores, gestão, dentre outros) é fundamental. Algumas ações são:

- Participação de professores e gestores em cursos de formação sobre a comunidade LGBTI+ e a promoção da inclusão;
- Constituição de grupos de trabalho entre diferentes escolas sobre a inclusão e acolhimento da população trans;
- Projetos de contraturno para alunes e professores sobre a pauta;
- · Formação com profissionais especializados no tema;
- Organização de encontros nacionais entre as escolas para promover intercâmbio de experiências de inclusão e combate ao bullying (podem ser feitos online);
- · Criação e participação em redes de escolas engajadas no tema;
- Elaboração de concursos anuais de literatura, histórias em quadrinhos, e outras mídias sobre a temática:
- Estímulo ao protagonismo e formação de liderança jovem LGBTI+;

4

PENSE FORA DA CAIXA, OUSE MAIS!

Abolir a distinção de gênero dos uniformes escolares e dos banheiros, por exemplo, são ações bastante inovadoras que requerem um nível de maturidade institucional de toda a escola, mas que podem criar uma cultura não só de inclusão mas de confiança e responsabilidade de estudantes e do corpo escolar como um todo. Todas as pessoas têm condições de desenvolvermos a maturidade desde a infância, só precisamos ter liberdade e uma cultura de respeito para tal.

5

COMUNIQUE!

É muito importante que corpo docente, discente, pessoas contratadas e etc saibam o que se passa na escola e quais ações e medidas estão sendo tomadas, isso faz aumentar o engajamento e participação nas atividades, dividindo as responsabilidades pela criação dessa escola mais inclusiva entre todas as pessoas que compõem a escola. Então, comunique as ações. Por exemplo: produção de materiais de comunicação como cartazes informativos sobre diversidade, que celebrem e valorizem pessoas LGBTI+ ou que motivem todas as pessoas a se tornarem aliadas à pauta podem funcionar e ajudar a melhorar a auto-estima de estudantes e profissionais dessa comunidade.



CRIE UM CANAL DE DENÚNCIA E SUPORTE

É muito importante para estudantes terem um senso de segurança nas escolas. Para estudantes trans e LGBTI+ mais essencial ainda. Não denunciar ou não falar sobre preconceito nas escolas só faz criar a cultura do silêncio, o que acaba virando uma lógica da nossa sociedade. O Canal de Denúncia pode ser uma caixinha chaveada onde estudantes escrevam bilhetes anônimos dividindo suas dificuldades e medos, pode também ser um aplicativo, no caso de escolas que possuem ou querem incluir tecnologias em sua rotina escolar. Essas ocorrências devem ser encaminhadas ao corpo diretivo, profissionais de saúde mental, assistente social e equipe pedagógica, e caso necessário às próprias pessoas responsáveis, para que as denúncias sejam apuradas e as medidas cabíveis sejam tomadas, especialmente aquelas que visam garantir a proteção de estudantes LGBTI+.



REVENDO PRÁTICAS E ESPAÇOS

Há uma série de práticas exigidas nas escolas que não fazem parte de nenhuma regra ou legislação, isto é, são práticas baseadas em hábitos culturais que educadores internalizam e reproduzem ao longo do tempo. Tais práticas podem parecer inofensivas, mas são implicitamente excludentes. É necessário ter em mente que a educação é um direito e deve, portanto, atender as necessidades de todos estudantes. Rever práticas e espaços, portanto, é uma tarefa fundamental para a construção de uma escola mais inclusiva.

Equipe pedagógica:

Como você pode tornar o espaço escolar mais inclusivo?

1

EDUCAÇÃO FORA DO ARMÁRIO

Tendo na escola um ambiente de convívio para o aprendizado cotidiano e acadêmico, além do local de construção da identidade, é importante assegurarmos uma interação isenta de religião, julgamento étnico-racial, bem como isenta de imposições de gênero ou orientação sexual. É fundamental pensarmos a abordagem pedagógica com base em três pilares: abordagem curricular, didática e inclusiva.

2

ABORDAGEM CURRICULAR

Trata-se de uma visão norteada pelas discussões sobre gênero e sexualidade, estimuladas por professores, impactando diretamente nas disciplinas a serem ministradas, seja de forma multidisciplinar e transversal, seja no desenvolvimento de disciplinas específicas como Ensino Religioso, Língua Portuguesa ou Biologia, por exemplo. Passar uma visão mais ampla da existência e complexidade humana, não nos limitando a discussões biológicas sem embasamento científico ou crenças religiosas, ambas que desconsideram a sociologia, a antropologia e a própria história, mas também apresentando a construção do gênero e da diversidade humana sob uma perspectiva social e múltipla é essencial para desfazer mitos, estigmas e estereótipos propagados por um ensino que reforça a hetero-cisnormatividade como lugar de 'normalidade' e, portanto, coloca pessoas LGBTI+ sob uma visão de serem 'anormais', 'erros' ou 'aberrações'.

3

ABORDAGEM DIDÁTICA

Passar por atividades de ensino e aprendizagem que trabalhem gênero e sexualidade através de diversos recursos didáticos. Neste caso pode-se aplicar a análise de filmes, textos, oficinas de dança ou teatro. A experiência do gênero invertido pode ser incentivada dentro de uma abordagem cênica e lúdica, não de forma caricata que reproduz um lugar de ridicularização e deboche, mas de forma a entender a perspectiva da outra pessoa, o lugar talvez de medo, vergonha, de bullying que, ao ser experimentado por estudantes que promovem ações e práticas que geram esses sentimentos em colegas, possa despertar um senso de empatia, que é o primeiro passo para o convívio respeitoso e acolhedor, bem como para inclusão de estudantes trans no contexto escolar, criando espaços de diálogos, de troca de vivências e experiências e, principalmente, de escuta.

4

ABORDAGEM INCLUSIVA

A necessidade do reconhecimento da identidade trans, de estudantes que assim se identificam, pela comunidade escolar é de grande importância e certamente determinante na promoção da diversidade e inclusão de pessoas trans na escola. Seja via uso do nome social e pronomes conforme a pessoa se identifica, utilização dos banheiros, vestimentas e o respeito à pessoa antes, durante e depois da realização de eventuais transições corporais, incluindo qualquer um dos processos de afirmação de gênero existentes. Além de ações consistentes de combate à prática de bullying ou transfobia nos espaços escolares. Assim, e somente assim, poderemos re-afirmar a escola como um território além das fronteiras de gênero e/ou sexualidade, que garante segurança física e emocional da pessoa trans, que tem sua identidade de gênero respeitada nesse ambiente.



DESCONSTRUÇÃO DAS CAIXAS

A desconstrução do homem hétero cis como figura universal, considerada como 'padrão', 'dominante' e 'superior' ao feminino é um passo essencial para garantir direitos, acessos, oportunidades e tratamento igualitário entre homens e mulheres. Além disso, também é uma etapa urgente no processo de desconstrução das caixinhas que dividem as expectativas sociais para homens e mulheres, isto é, que não apenas inferioriza o que é visto como feminino e limita as possibilidades das meninas, mas considera que toda mulher deve ser cis, hétero e feminina - a caixinha da mulher - e que todo homem deve ser cis, hétero e masculino - a caixinha do homem. Essas caixinhas são a fonte da discriminação e preconceito contra pessoas LGBTI+, por exemplo, tornando inaceitável e, por isso, vítima de tanto ódio e violência, a ideia da existência de uma mulher trans, como alguém que "ofendeu" a caixinha do homem, ao abraçar uma identidade feminina, vista dentro dessa lógica das caixinhas, como algo inferior.

Por isso, rompendo com esse modelo de duas caixinhas possíveis e estabelecendo a igualdade entre gêneros, criaremos uma cultura de respeito entre todos os mais diversos gêneros, orientações sexuais e expressões de gênero, uma vez que haverá igualdade de possibilidades e tratamento entre todas as pessoas. Esses conceitos podem ser trabalhados dentro de diversas abordagens, por exemplo, repensando brincadeiras só para meninos ou só para meninas, com o fim de uniformes separados por gênero e desfazendo a ideia de que 'menina gosta de rosa' e 'menino gosta de azul'.

Corpo docente:

Como você pode tornar o espaço escolar mais inclusivo?

EVITE ATIVIDADES SEPARADAS POR GÊNERO

É comum a oferta de atividades diferenciadas para meninos e meninas dentro do contexto escolar. Tais práticas acabam por excluir estudantes que não se enquadram em tais estereótipos, incluindo estudantes cisgêneros. Não compete a ninguém além da própria pessoa escolher seus interesses em esporte, brincadeiras, roupas, cores, etc. É papel de educadores permitir o acesso e o direito de escolha de cada alune do seu lugar de pertencimento.

USO DOS BANHEIROS POR PESSOAS TRANS

Há muitos casos de discriminação contra pessoas trans principalmente sobre uso do banheiro. A liberdade para que a pessoa trans use o banheiro com o qual se identifica é essencial para sua autoestima, seu senso de segurança emocional, sua afirmação pessoal e sua saúde (há maior registro de casos de infecção urinária em pessoas trans por causa da dificuldade do acesso ao banheiro em lugares públicos, como escola, trabalho, shopping, etc). Se os banheiros disponíveis são apenas masculino e feminino, mas a pessoa trans não se sente confortável ou segura de usar nenhuma dessas duas opções, o uso de banheiros alternativos é necessário (como banheiro de professores ou pessoas contratadas ou banheiro unissex, geralmente reservado para pessoas com deficiência.

USO DO NOME SOCIAL

A mudança do nome de pessoas trans é um direito garantido, isso significa o reconhecimento oficial da identidade de gênero adotada. Educadores têm, portanto, o dever e a responsabilidade de reconhecer a identidade de gênero de estudantes trans, usando o nome e pronomes adotados pela pessoa, independente do nome nos documentos de registro, além de reforçar com toda a turma que também utilize o nome social.

SEJA UMA PESSOA EDUCADORA-ANJO

Educadora-anjo é quem ampara e apoia estudantes trans (como também estudantes LGBTI+) dentro da escola, sendo uma referência para todo mundo. As pessoas trans, ao longo do seu processo de auto identificação e auto aceitação, possuem inúmeras demandas, por exemplo, há a necessidade de comunicação sobre as sensações iniciais desse momento. Diante disso, educadores-anjos podem acolher e escutar a pessoa estudante, preservando sua saúde mental e reforçando que está ali para apoiá-la.

4

CONTINUAÇÃO: SEJA UMA PESSOA EDUCADORA-ANJO

Após o momento de auto identificação, outras demandas surgirão, nas quais educadores-anjo podem se fazer presente:

- Apoiar no empoderamento da pessoa trans por meio de conversas e informações, para auxiliar na afirmação da identidade trans;
- A articulação com todo mundo da escola para garantir o respeito e apoio na identidade da pessoa;
- A criação de um diálogo de conexão, suporte e acolhimento entre estudante, escola e seus responsáveis;
- O incentivo à busca de informações especializadas sobre processos de afirmação de gênero em diversas esferas, como possibilidade de troca de nome, terapias hormonais e outras questões na área saúde, apoio emocional, etc. voltados para a população trans.



ABORDE DIVERSIDADE EM SALA DE AULA

Discriminação e violência por preconceito de gênero e orientação sexual é um problema social gravíssimo. A escola, enquanto espaço de construção do indivíduo, é o principal local onde estas questões devem ser abordadas e debatidas, garantindo acesso à informações e práticas de socialização que promovam um convívio social mais inclusivo e respeitoso.

Por esse motivo, é papel de educadores integrar ao conhecimento escolar obrigatório, temas transversais, ou seja, conteúdos e/ou discussões importantes para o desenvolvimento social de estudantes. Dentre esses temas, a valorização da diversidade pode ser abordada no interior de diversas disciplinas obrigatórias. Sem dúvida trata-se de um processo complexo, mas de extrema necessidade. Por isso, selecionamos algumas formas sucintas, mas precisas de abordar tais temáticas dentro da sala de aula:

- Formulação de dinâmicas de conscientização de estudantes sobre respeito e valorização da diversidade:
- · Promoção de debates e/ou discussões sobre diversidade;
- Elaboração de um evento periódico de valorização da diversidade de gêneros e orientações afetivas, incluindo a celebração de todos os tipos de famílias;
- Inclusão de livros e filmes que tragam protagonismo LGBTI+ e sensibilizam estudantes na pauta, de modo transversal às disciplinas obrigatórias, veja algumas sugestões nas próximas páginas.



Tudo bem ser diferente, de Todd Parr

Esse livro trabalha com as diferenças de cada um de maneira divertida, simples e completa, alcançado o universo infantil e abordando assuntos que deixam os adultos de cabelos em pé, como adoção, separação de pais, deficiência física, preconceito racial, entre outros.



Livro da Família, de Todd Parr

Com frases curtas, diretas e envolventes, Todd Parr trabalha neste livro as diferenças das famílias, abordando assuntos polêmicos como adoção, diferenças raciais, culturais e sociais.



Meus dois pais, de Walcyr Carrasco

Naldo não fica muito surpreso quando seus pais resolvem se separar. Afinal, os dois vivem brigando... E, quando sua mãe decide mudar de cidade, o menino acha natural ir morar com o pai. Naldo só não consegue entender porque sua mãe e sua avó são contra...



O menino que brincava de Ser, de Georgina da Costa Martins

Esse livro permite a discussão de temas delicados, como o preconceito e a intolerância, e retrata as conseqüências que a falta de diálogo pode causar à vida familiar.



O fado padrinho, o bruxo afilhado e outras coisinhas mais, de Anna Claudia Ramos;

Luar deseja se transformar em um fado padrinho afinal quem decidiu que só meninas podem se tornar fadas madrinhas?



Homem não chora, de Flávio de Souza e Riba Tavares;

Seus questionamentos a respeito do tema "homem não chora" são balizados pelas diversas possibilidades de pontuação que o narrador usa para a frase-título, criando fechos originais para cada episódio.



Menino brinca de boneca?, de Marcos Ribeiro;

Neste livro, Marcos Ribeiro coloca a questão do masculino-feminino de forma muito didática e acessível. Sobretudo, ele estimula o jovem leitor a refletir, decidir-se, opinar.



Jamily a Holandesa Negra: a história de uma adoção homoafetiva, de Alyson Miguel Harrad Reis;

Ao entrar no maravilhoso mundo da leitura, Alyson decidiu aventurar-se em criar seu próprio livro, Jamily, a Holandesa Negra: a história de uma adoção homoafetiva, uma pérola, um presente para a conscientização acerca de uma nova cultura da adoção em favor das adoções necessárias.



A princesa e a costureira; e Joana Princesa, de Janaína Leslão;

Esta é história da princesa Cíntia, que se apaixonou pela costureira Ishtar. Quando Cíntia anunciou para os pais suas intenções com Ishtar e disse que não mais se casaria com o príncipe a quem estava destinada, seu pai mandou que a prendessem na torre do castelo.



Tomboy

A história segue uma criança de 10 anos em inconformidade de gênero chamada Laure que se muda para um novo bairro durante as férias de verão e experimenta sua expressão de gênero, adotando o nome Mickaël.



Transamérica

A história de uma mulher transexual chamada Bree que, uma semana antes de fazer a cirurgia de readequação sexual, descobre ter um filho de 17 anos que precisa de ajuda.



Laerte-se

Retrata a trajetória da cartunista e chargista brasileira Laerte, considerada uma das mais proeminentes do gênero no Brasil. Assumiu sua transexualidade aos 57 e, de lá pra cá, experimenta uma jornada única e pessoal sobre o que é ser uma mulher.



Meu nome é Ray

Ray nasceu mulher, mas nunca se identificou com o gênero e se prepara para fazer a cirurgia de transgenitalização. Sua mãe, Maggie tenta encontrar a melhor forma de lidar com a questão, mas a avó de Ray, Dolly, recusa-se a aceitar a resolução e cria um conflito familiar.



Meninos não choram

Saiba como Teena Brandon se tornou Brandon Teena e passou a reivindicar uma nova identidade, masculina, numa cidade rural de Falls City, Nebraska.



Má educação

Dois meninos, Ignacio e Enrique, conhecem o amor, o cinema e o medo num colégio religioso no início dos anos 60. O padre Manolo, diretor do colégio e seu professor de literatura, é testemunha e parte dos descobrimentos.



Tudo sobre minha mãe

Uma mãe solteira em Madri, Manuela, vê seu único filho morrer no seu 17° aniversário. Ela vai a Barcelona à procura do pai de seu filho, uma travesti chamada Lola, que não sabe que tem um filho.



Com Amor, Simon

Aos 17 anos, Simon Spier vive um momento complicado, tenta revelar para família e amigos que é gay, e ao mesmo tempo tenta descobrir a identidade de um misterioso colega de classe que conheceu online.



Margarita com Canudinho

Laila é uma jovem indiana que tem paralisia cerebral. Ao lado de sua mãe , ela deixa seu país para estudar na Universidade de NY. Sem fé no amor após ter sido rejeitada por um colega, ela conhece uma jovem ativista em Manhattan e embarca em uma jornada de descobertas.



Alice Júnior

Alice enfrenta preconceitos ao trocar de escola e se deparar com uma sociedade mais retrógrada do que estava acostumada. O desejo da menina é dar seu primeiro beijo, mas, antes de tudo, quer o direito de ser quem ela é.

Estudantes trans:

Como se empoderar e lutar por uma escola mais inclusiva?

1

IDENTIFIQUE UMA PESSOA ALIADA

Existem pessoas ao redor que podem te apoiar, a questão está em como identificar e confiar nessa pessoa. Uma tática é observar as opiniões e atos que essa pessoa tem em relação a outras pessoas LGBTI+, para saber se é uma pessoa aliada que apoia a pauta. Em algum momento você encontrará pessoas que têm uma experiência similar a sua e que podem te ajudar no seu processo de se entender, se aceitar e se empoderar.

2

SE PRESERVE

Algumas pessoas e lugares não vão entender ou aceitar uma pessoa trans, mesmo após tentativas de diálogo. Se for possível, se afaste desses locais e pessoas. Quando não for possível, tente se preservar de discussões e situações que te coloquem em risco. Não se arrisque, nem física e nem emocionalmente, para tentar construir diálogos com quem não quer dialogar.

3

CUIDE DA SUA SAÚDE

Se aceitar, se entender e se respeitar como uma pessoa trans demanda muito de si, algumas atividades podem ajudar a melhorar a sua qualidade de vida, seja para expressar seus sentimentos ou te dar foco, força emocional e motivação. Atividades como meditação, psicoterapia, trabalhos artísticos, escrever um diário e exercícios físicos podem ajudar bastante. Seja uma pessoa boa com você, se dê carinho. 40% das pessoas trans, infelizmente, já tentaram suicídio por causa da falta de aceitação própria e da sociedade. Saúde mental é um ponto extremamente importante e um eixo central para saúde da população trans. Não tenha receio de pedir ajuda de profissionais da psicologia ou da psiquiatria caso sinta a necessidade, saúde emocional, assim como se aceitar como pessoa trans, é determinante para sua felicidade e qualidade de vida.

4

BUSQUE ACOMPANHAMENTO MÉDICO PARA SUA TRANSIÇÃO

Muitas pessoas trans, pela ansiedade e dificuldade de se inserir no Sistema Único de Saúde, acabam por não fazer exames e consultas clínicas de rotina e nem fazer o acompanhamento médico para o tratamento hormonal. Isso pode acarretar em diversas complicações e problemas de saúde. Por isso, não deixe de buscar suporte médico, caso queira fazer terapia hormonal e nem deixe de fazer os exames médicos necessários para ter uma transição hormonal segura e saudável. O SUS já garante o direito ao nome social nos documentos e sistemas médicos e o sistema público de saúde tem profissionais capacitados para te atender. O acesso à saúde é seu direito. Saiba mais <u>aqui</u>.

5

PROJETE SUA INDEPENDÊNCIA

O número de pessoas trans expulsas de casa é alto. Se você não tem apoio familiar ou teme não ter a aceitação em casa, é importante entender, desde cedo, que para sair dessa situação você vai precisar buscar uma independência financeira e, por isso, garantir sua educação é o que vai te dar mais possibilidades profissionais. Ter foco em objetivos concretos pessoais, como buscar oportunidades de jovem aprendiz, empregos autônomos, cursos profissionalizantes, tornar rentável algum talento seu, procurar formação superior através de bolsas em faculdades ou o ingresso em universidades públicas, são algumas ações que podem garantir sua independência, bem-estar e auto-estima, para que você possa sair desse ambiente onde você não pode ser quem você é.

Mas lembre-se, dependendo da situação em que você vive em casa, você pode tentar construir diálogos que levem informações e referências positivas para sua família, de forma que, pouco a pouco, consigam entender mais sobre sua identidade de gênero e te respeitar. Há organizações que podem oferecer esse suporte para possibilitar o diálogo e melhor entendimento entre você e sua família, como Mães pela Diversidade. Saiba mais aqui.

6

DESENVOLVA SEU AMOR PRÓPRIO

Pessoas trans costumam ter muitos problemas de autoestima e falta de amor próprio, e isso é totalmente compreensível. Desde muito cedo essas pessoas são discriminadas, recebendo constantes agressões, muitas vezes de pais e familiares. Se esse é o seu caso, saiba que é normal sentir insegurança. Justamente por isso, você precisará desenvolver seu amor próprio. Trate-se bem, faça um elogio diferente para você todos os dias e ame um pedacinho de você por dia. Saiba que você é uma pessoa que merece ser feliz, amada e respeitada como qualquer outra pessoa.

7

DENUNCIE

Dentro da escola, busque pessoas, como a diretoria, professores ou pessoas da equipe pedagógica para conversar e denunciar caso colegas ou pessoas contratadas da escola te desrespeitarem, ofenderem ou discriminarem. Encontre alguém que possa ter autoridade sobre quem não te respeita. Se a pessoa que te desrespeitar for a autoridade máxima da escola, recorra a legislação municipal, estadual ou federal para que você e seus direitos sejam respeitados.

Se você for vítima de agressão e/ou perseguição por sua identidade de gênero e/ou sua orientação sexual, denuncie às autoridades ou fale com alguém de sua confiança (amizades, familiares, responsáveis, professores, etc.). O disque 100, também conhecido como disque direitos humanos, é um canal que pode receber sua denúncia sobre violação de direitos LGBTI+. A ligação é gratuita e recebe denúncias 24h por dia, bastando ligar 100 de qualquer telefone fixo ou celular.



ENCONTRE A SUA GALERA

Uma forma de se entender e se empoderar sobre gênero é se conectar com outras pessoas trans. Encontrar outras pessoas com uma vivência similar trará um sentimento de pertencimento e clareza ao seu próprio respeito, e é uma ótima oportunidade de trocar vivências e experiências, criando uma rede de apoio e acolhimento mútuo. Busque grupos de pessoas trans na sua cidade ou em comunidades online. Lembre-se: você não está só. Existem outras pessoas como você, que podem dividir experiências e criar canais de diálogo e suporte.

CONHEÇA ALGUNS DE **NOSSOS PROJETOS** QUE PODEM TE AJUDAR NO SEU **DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL**

TODXS EMBAIXADORXS

TODXS Embaixadorxs é uma iniciativa que busca conectar e capacitar jovens líderes LGBT+ a partir de 18 anos de todo o Brasil para que sejam transformadores de suas realidades e comunidades. O programa consiste em oficinas e treinamentos online nas áreas de comunicação, liderança e empreendedorismo. Ele tem como missão formar agentes de mudança dentro da comunidade LGBTI+, para que essas pessoas possam atuar na transformação positiva de seus entornos. Para isso, o Programa conta com encontros com lideranças e uma formação para a criação de um projeto ou negócio ao longo de 3 (três) meses, a contar da divulgação das pessoas selecionadas.

Clique <u>aqui</u> para acompanhar quando as inscrições estiverem abertas e para saber mais sobre o programa.

TODXS EMPREGABILIDADE

TODXS Empregabilidade é um projeto que tem como objetivo o desenvolvimento pessoal e profissional, por meio da educação, de pessoas que querem se desenvolver profissionalmente para estarem preparadas para o mercado de trabalho. O projeto consiste em oferecer cursos gratuitos de curta duração, para o desenvolvimento de habilidades essenciais nos dias atuais. Os cursos são EAD, ou seja, você poderá fazê-los quando achar o melhor momento. Tendo a liberdade de fazer quantos cursos quiser e com entrega de certificados ao final.

Clique aqui para saber mais sobre o programa.

Estudantes cis:

Como você pode tornar o espaço escolar mais inclusivo?

RESPEITE O GÊNERO

Se você tem colegas trans, vale a pena perguntar que pronome a pessoa prefere: feminino (a/ela/dela), masculino (o/ele/dele) ou neutro (e/elu/delu), pergunte também qual o nome que a pessoa prefere ser chamada. Sempre respeite o pronome e o nome que a pessoa lhe indicar. Tudo começa com respeito! Somos livres e iguais, mesmo em nossas diferenças. Construir um ambiente acolhedor das diversidades é dever de todo mundo.

CUIDADO COM AS BRINCADEIRAS E PERGUNTAS

Não faça brincadeiras que envolvam o gênero, sexualidade, o corpo, jeito de se vestir, se portar, forma como a pessoa se refere a si mesma, etc. Assim como você não gostaria de ser motivo de piada, não faça isso com outras pessoas. Quanto às perguntas, lembre-se sempre: você precisa de permissão para fazê-las, a pessoa ainda tem o direito de não responder. Não faça perguntas sobre características do corpo da pessoa ou perguntas sobre o nome de registro da pessoa. Se você não perguntaria isso a uma pessoa que você não conhece, também não pergunte à pessoas trans.

NÃO SEJA CÚMPLICE

Ao presenciar uma situação de bullying, não se silencie. Tenha em mente uma das três ações: ajudar a vítima, buscar apoio e/ou denunciar. Mantenha a calma e aja de acordo com a sua avaliação da situação, escolhendo a opção que pareça mais segura para minimizar os riscos para você e para a vítima. Lembre-se que intervir é importante, mas nunca recorrer à violência, para não perpetuar um ciclo vicioso. O bullying não é problema só de quem sofre com ele, é também responsabilidade de todo mundo que podia fazer alguma coisa para impedir e não fez. Não fazer nada, ignorar ou se silenciar é uma postura de alguém que é cúmplice de quem comete o bullying. Adote um posicionamento positivo, defenda e apoie a vítima.

SAIBA ACEITAR O QUE NÃO É SUA REALIDADE, ABRA-SE PARA O NOVO

Esteja sempre disponível para o novo! Dar espaço para as outras pessoas falarem e compartilharem suas experiências é também uma chance de aprender. Não faça julgamentos precipitados sobre as pessoas, não acredite em fofocas e nem avalie outra pessoa como se ela tivesse as mesmas experiências de vida que você teve. Permita-se conhecer alguém antes de formar uma opinião. Faça novas amizades e busque conversar e conhecer colegas que não são parte do seu grupo habitual de sua confiança.

ESCUTE E APOIE

Pessoas trans frequentemente sofrem caladas e têm vergonha de dividir suas angústias e falar das experiências de agressão. É simples, mostre que você se importa e está sempre à disposição para escutar pessoas próximas a você, isso pode fazer uma grande diferença. Busque construir ambientes seguros, acolhedores em que você e suas amizades tenham confiança para compartilhar seus sentimentos e vivências.

Adultos responsáveis:

Como você pode tornar sua casa mais inclusiva?



AME E RESPEITE

Pessoas trans, assim como pessoas cis, costumam identificar seu gênero a partir dos 5 anos de idade. Nem a identidade de gênero, nem orientação afetivo-sexual são escolhas, por isso, ninguém pode mudar algo que não escolhe. Ainda assim, a população LGBTI+ enfrenta as consequências da desinformação, estereótipos, mitos e crenças falsas que propagam uma cultura de violência, ódio e exclusão, a começar pelo espaço doméstico e familiar. O amor no ciclo familiar é muito importante para que a criança e/ou jovem cresça e se transforme em uma pessoa adulta saudável. Se a criança se sentir excluída, discriminada ou negligenciada emocionalmente pelos pais, ela poderá se transformar em um indivíduo adulto inseguro, imaturo, que não sabe lidar com as próprias emoções. A longo prazo, pode desenvolver diversas questões de saúde mental, como depressão, ansiedade, etc.

Esse guia tem o objetivo de proteger e nortear pessoas trans, para que possam ter uma jornada segura, saudável e acolhedora e, principalmente, diminuir a violência elas sofrem em ambientes escolares. Para isso, a pessoa trans precisa contar com o apoio de responsáveis, já que o âmbito doméstico é o primeiro espaço de segurança emocional que temos, é o primeiro espaço em que confiamos que teremos amor incondicional. Portanto, o suporte familiar é que garantirá o sentimento de pertencimento e acolhimento da pessoa trans, mantendo sua força e autoestima. Ainda que ela enfrente uma realidade de bullying na escola, ela saberá que há um lugar onde ela é amada, respeitada e apoiada, onde poderá recarregar suas forças para enfrentar a transfobia e se desenvolver feliz e plenamente na sociedade. Seja esse lugar para pessoas trans da sua família.



NÃO PUNA, APOIE

Atos corretivos violentos nunca são um bom caminho, principalmente, quando usados para lidar com uma situação que você não entende. A pessoa trans não deve ser corrigida, porque não há nada de errado com ela. Não há necessidade de cura para o que não é doença. Atos punitivos só pioram a maneira como a pessoa trans se sente na própria pele, fragilizando sua autoestima e sua saúde mental e criando traumas para toda a vida, além disso, devasta a relação afetiva que um dia vocês podem ter. Procure informações para entender melhor sobre identidades trans.

Imagine o quanto deve ser doloroso para uma pessoa se entender como trans em uma sociedade violenta e preconceituosa como a nossa, e ao buscar o apoio e aceitação de alguém que ela confia e admira, perder o amor dessa pessoa, por, simplesmente, ser quem é. Busque compreender sobre os sentimentos da pessoa e apoiá-la, mesmo que você não entenda. Não recorra a punições, violência ou expulsão de casa. Acolha essa pessoa trans, mesmo que você ainda tenha dificuldades de compreender o assunto.

3

ABRA-SE PARA O DIÁLOGO

Uma das piores coisas para crianças e jovens é não terem a liberdade de conversar com responsáveis e dizerem a essas pessoas como se sentem e o que pensam. Criar esse espaço de segurança no ambiente familiar é fundamental para ter uma relação familiar de amor, respeito, confiança e afeto.

4

BUSQUE APOIO

Lidar com questões de gênero e sexualidade pode demandar muito emocionalmente de responsáveis. Se você sentir que não está conseguindo lidar bem com a situação, se sente com sobrecarga, ou com ansiedade, não tenha receio de buscar auxílio psicológico. É preciso cuidar de si, para poder cuidar de outra pessoa. Você pode encontrar profissionais no SUS que podem fazer esse atendimento, em clínicas sociais com preços mais acessíveis ou atendimento gratuitos em faculdades de psicologia.

Caso você esteja com dificuldades para compreender sobre as questões de gênero e sexualidade da pessoa que você cuida ou não sabe bem como acolher e apoiar, as <u>Mães pela Diversidade</u> podem te oferecer suporte, tanto para esclarecer suas dúvidas e angústias sobre a pauta LGBTI+, como para te mostrar como uma pessoa responsável pode apoiar e acolher seu filho trans.



Este guia foi desenvolvido pela TODXS com o objetivo de auxiliar gestores, professores, estudantes, equipe pedagógica e familiares a criar um ambiente escolar mais inclusivo para as pessoas trans. A TODXS trabalha em parceria com diversas organizações, instituições, comunidades e indivíduos para criar um Brasil onde todas as pessoas LGBTI+ possam se sentir seguras e livres de preconceito.

O tema "transfobia no ambiente escolar" surgiu na TODXS a partir de diversas pesquisas e dados sobre a discriminação da população trans no Brasil. Sabemos que a transfobia ainda é pouco discutida, mas é preciso evidenciá-la, ainda mais por vivermos em um país líder nos casos de assassinato de pessoas trans. A Transgender Europe (TGEU), organização não governamental que trata sobre os temas da comunidade trans, divulgou que entre os anos de 2008 e 2014 mais de 600 pessoas trans foram mortas no Brasil. Por causa disso, e da também alta taxa de suicídio entre essa população, atualmente, a expectativa de vida de uma pessoa trans no Brasil é de 35 anos.

Também temos os dados que mostram que **80% de jovens trans não chegam a terminar o Ensino Fundamental**. Esse número é fruto do bullying e da transfobia nas escolas, provocando a massiva evasão escolar da população trans, que trará como impacto, a longo prazo, uma situação extrema de pobreza e vulnerabilidade social. É a baixa escolaridade a principal causa de 90% das pessoas trans precisarem recorrer à prostituição como meio de sustento, por falta de formação e oportunidades. Esse ciclo é extremamente cruel, pois não há escolha, isto é, as pessoas trans encontram na prostituição a única forma viável de subsistência, mesmo que isso gere ainda mais marginalização, preconceito e violência.

É por conta desse contexto que nasceu o **Guia TODXS Escolas**, da necessidade de abordar diversidade de gênero e orientação sexual nas escolas, para desconstruirmos o preconceito e criarmos um espaço de liberdade, inclusão e respeito para todas as pessoas que fazem parte da comunidade escolar. Com a população trans vivendo em situação emergencial, não podemos deixar de criar estratégias que atendam a urgência da pauta na ponta, mas também precisamos pensar em ações estruturais na base, na escola, cuja forma de tratar e acolher a diversidade pode mudar a jornada de pessoas trans e romper com o ciclo contínuo de violência que ainda existe.

Precisamos estimular que a escola seja um lugar de respeito à diversidade. Para isso, a formação de professores é essencial, promovendo diálogos e reflexões, criando senso de responsabilização e compromisso para o combate a todas as formas de preconceito e ao bullying e para a promoção de inclusão, garantia de acessos e direitos igualitários para todas as pessoas.

Lutar por uma sociedade mais justa para pessoas trans é uma responsabilidade cívica e coletiva. A escola deve ser a porta de entrada para a criação de um mundo melhor, através de uma educação mais inclusiva e acolhedora, que promova igualdade e respeito a todes.

Referências

e indicações de leitura

AUAD, Daniela. **Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola.** São Paulo: Contexto, 2006. 92 p

BENTO, Berenice. **Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. Estudos Feministas.** Florianópolis, mai./ ago., p. 549-559, 2011.

CABRAL, F. DÍAZ, M. Relações de gênero. In: Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte; Fundação Oebre cht. Cadernos afetividade e sexualidade na escola: um novo olhar. p. 142-150. Belo Horizonte: Rona, 1998.

CARRARA, Sérgio; VIANNA Adriana R. B. **"Tá lá o corpo estendido no chão...": a Violência Letal contra Travestis no Município do Rio de Janeiro**. Disponível em:http://www.scielo.br/pdf/physis/v16n2/v16n2a06.pdf> Acesso em: 01 abr. 2018.

FAGUNDES, Tereza Cristina Pereira Carvalho. **Pais conscientes, educadores capacitados: educação sexual para crianças e adolescentes. Revista Brasileira de Sexualidade Humana.** São Paulo, v.20, n.1, p.164-175, 2009. ONU. Declaração Universal dos Direitos Humanos. Disponível em: http://www.onu.org.br/img/2014/09/DUDH.pdf. Acesso em: 01 abr. 2018.

SALA, Arianna. **Batendo Um "Papo Serio": desconstruindo gênero e sexo nas escolas de Santa Catarina.** Disponível em: < http://www.uneb.br/enlacandosexualidades/files/2013/06/Batendo-um-papo-s%C3%Agrio- desconstruindo- -g%C3%AAnero-e-sexo-nas-escolas-de-Santa-Catarina.pdf> . Acesso em: 01 abr. 2018.

TORRES, Marco Antônio. **Docência, Transexualidades e Travestilidades: A Emergência Rede Trans Educ Brasil.** Dispo nível em: http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_aprovados/gt23_trabalhos_pdfs/gt23_2816_ texto.pdf > . Acesso em: 01 abr. 2018.

UNBEHAUM, Sandra; CAVASIN, Sylvia; GAVA, Thais. **Gênero e Sexualidade nos Currículos de Pedagogia.** Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278171100_ARQUIVO_Gen_Sex_Curric_Ped_ST19_FG9.pdf>. Acesso em: 23 de mai. 2018.

Escola Sem Homofobia. Ministério da educação, Governo Federal. Disponível em: http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2015/11/kit-gay-escola-sem-ho mofobia-mec1.pdf Acesso em: 23 de mai. 2018

Agradecimentos

Agradecemos a todas as pessoas envolvidas nessa grande empreitada. Essa lista de nomes estará constantemente sendo revisitada, pois nosso propósito é que cada vez mais pessoas colaborem com a melhoria desse material, nos ajudando a construir escolas mais justas e acolhedoras para todo mundo.

Caso você tenha alguma dúvida entre em contato com a gente pelo instagram @todxsbrasil ou por email contato@todxs.org

Equipe TODXS

Amanda de Moraes Caluã Eloi Daniel Kehl Fausto Delphino Scote Gabriel Romão Leonardo Fernandes

Design TODXS

Ana Flávia Carvalho

Agradecimentos a:

Carolina Nalon Paula Beatriz de Souza Cruz

